

CEDI - P. I. B.
DATA 05, 04, 93
COD. 0AD 06 245

OS TUKANO DO ALTO RIO NEGRO.

Depoimentos do Tukano

Álvaro Fernandes Sampaio - Doéthiro.

Os indígenas Tukano, somos conhecidos por outras tribos vizinhas como DAXSEÁ porque expressamos o idioma DAXSEIÉ, e moramos no Alto Rio Negro, no noroeste da Amazônia.

O rio mais importante dessa região é o Uaupés, conhecido como DIA-PAXSÁ em língua Tukano, e que tem dois afluentes muito povoados, os rios Tiquié e Papuri, ambos estão na margem direita. O rio Tiquié é chamado KEXSÁ, e o Papuri como ANKO-NISHA por ser de águas escuras.

Nós não sabemos porque que os missionários ou brancos nos chamaram Tukano, que talvez pensaram de que fôssemos descendentes de um pássaro que tem esse nome. Ficamos muito pensativos quando percebamos os erros cometidos nas traduções por alguns missionários, porque o pássaro Tucano não simboliza a nossa tribo. Conforme a imposição de civilização branca, sem saber refletir o referente nome, afirmamos segunda brancos, que somos os da tribo TUKANO.

As Comissões de limites de fronteiras dos brancos, e mesmo as diversas crenças religiosas dos mesmos dividiram as famílias indígenas do Alto Rio Negro. No caso dos Tukano, hoje somos brasileiros e colombianos que moram no outro lado do rio Papuri, e é por essas razões que sentimos desconfianças. As nacionalidades outorgadas por estrangeiros é de fato um crime muito grande às populações indígenas. Mas, no caso da gente não tem nenhum problema, porque expressamos a língua DAXSEIÉ e temos pouco conhecimento sobre as nossas tradições e mitos através dos velhos.

Embora que a civilização do mundo dos brancos nos quer que sejamos extintos desde ponto de vista linguístico mantemos o respeito e reconhecimento grupos Tukano assim: NA'URO-PÖ'RÄ; PÄMU-PÖ'RÄ; TURO-PÖ'RÄ; MIMI-SIPÉ; DI'PE-PÖ'RÄ; OYÉ+PÖ'RÄ; KE'MARÖ-PO'RÄ; SA'KURÓ-PO'RÄ; Ö'ME-PERI-PÖ'RÄ; BOXSÓ-KAXPERI-PÖ'RÄ; BAYA-PÖ'RÄ; B'U-PÖ'RÄ; BA'TI-TORORÄ; DOÉ-PÖ'RÄ; BOXSÓ; NA-HORI-PÖ'RÄ; KOKHÄ-PEYRI-PÖ'RÄ, e outros pequenos grupos não recordo no momento.

Antes da chegada dos missionários chegaram os brancos que cometeram muitos crimes contra os nossos primitivos. Sabe-se também de brancos que chegaram para curiosar índios e que escreveram textos para informações.

Atualmente os Tukano encontram-se um pouco desorganizados e não têm muito de amor às origens, porque os ensinamentos que temos recebidos dos padres missionários sempre tratam de povos desconhecidos.

Assim, não podemos dizer muita coisa quando se falar de termo índio, porque nos sentimos ofendidos quando alguém dos brancos nos chama desse jeito, e não somos capazes de defender, porque os nossos educadores nunca nos chamaram desse jeito e muito pelo contrário, nos livros de história do Brasil nós também ouvimos falar de índios "perigosos".

A discriminação que sentimos é também com certas freitas do Alto Rio Negro que continuam civilizando as nossas parentas empregando-as nos seus colégios para os trabalhos domésticos, e outras vêm para cidades grandes.

O que vou depor são os sentimentos meus, sentimentos esses que tenho encontrado desde que escolhi a luta ao lado dos povos indígenas. O que me causou a lutar foram as desconfianças de meus companheiros de salas de aula, porque a minha fisionomia era diferente deles. Foi essa transformação que tive em São Luis, porque embora que eu soubesse falar e escrever a língua delas, no colégio MENG que era de pré-vestibular, nunca me senti realizado por estar no mundo dos brancos, e mesmo tendo os conhecimentos de escola como qualquer outro branco eu nunca seria superior ou mesmo igual. O poderia acontecer seriam os sofrimentos, que eu poderia vagar por esse mundo sem ser percebido. Quando estive em São Luis, de 1978 a 1980 onde frequentei aulas de cursinhos para ingressar na Universidade Federal do Maranhão, o meu objetivo era viver num mundo de medicina e posteriormente retornar ao meu povo. Na minha região existem muitos professores indígenas, e que cada vez mais se preocupam para viver com brancos.

A outra intenção que tive era ser diferente de outros companheiros, os ex-colegas de aula, os quais mais de 60% ficaram trabalhando no magistério e que foram incentivados e aprovados pelos interesses políticos do sistema dos dominantes.

Como já disse, em São Luis fui desconfiado, e em muitos momentos quando alguém chegava para saber de minhas origens, muitas vezes neguei a minha identidade como tantos outros companheiros de minha região continuam a fazer em Manaus ou nos lugares por onde chegaram os estrangeiros. Respondi-lhes friamente e quando voltava para casa fixava com setimentos de saudade de minha terra. Assim descobri os êrros de meus educadores, e encontrei outros missionários diferentes os da minha região, e conheci outros indígenas de meu nível de sentimentos e com estes aprendi outros ensinamentos: que os problemas indígenas só poderiam ser resolvidos somente com a consciência de jovens que estão na minha condição e que trabalhem na educação das nossas novas gerações.

Em outras ocasiões tive a felicidade de participar e aprender de outros indigenas de diversos países, e também transmiti-lhes a situação do povo ao pertençaço.

Como falei para muitos interessados brancos, espero que esse artigo leve aos meus irmãos uma nova esperança para mandar os pensamentos, de organização como povo e para outros jovens possam dar a continuidade dessa luta.

O que posso dizer também, é que muitos jovens de minha região ficarão com vergonha quando ler esse texto, mas tenho a certeza que passarão por esses mesmos caminhos, talvez com modos diferentes.

A região habitada por Tukano está dividida por três paróquias dos padres salesianos: Taracuá, Pari Cachoeira e Iauareté.

Os povoados dos Tukano no rio Tiquié são:

1 -) Corocoró , COXTÓ-BE'TÓ e dos senhores Firmiano e Francisco Gonçalves, e atualmente está também o genro deles que se chama Eduardo, e atrai muita gente de outros povoados por ser muito rico de peixes porque é uma região de grandes igapós e de lagos. Nesse lugar dá para ver a boca do rio IRA. Esse nome não tem o sentido de raiva, porque é de origem nhegatu. No nosso idioma nós chamamos NUMINA, que quer dizer igarapé de mel ou de doce. Também não é igarapé

pequeno, e sim muito caudaloso e tem muito peixe, caça e animais de casco, etc. Na boca desse rio mora outra Tukano de nome Mário com sua família.

2 -) Matapi, em Tukano chama-se KAXSAIÁ-PI'TÓ, o que quer dizer, boca do igarapé que tem o mesmo nome. KAXSÁ é um instrumento para pegar peixes. É um trançado de talas de uma palmeira que se chama pari, e em outras ocasiões pode ser feita com talas de bacabeira. Depende do gosto de pescador, porque às vezes o peixe não fica preso com muita facilidade e é preciso de abstinência na pimenta, no sexo e não pode pegar numa coisa quente, ou nem ser espantado por cachorro bravo. Esse instrumento é posto numa tapagem, entre as pequenas passagens por onde passam os peixes. O nome que damos a tapagem é CAXSAKA, uma cerca com pequena varas e fôlhas das mesmas. Pegar o peixe de matapi chama-se KAXSÁ-PO'SHÊ, os quais são aracu, traira, tuconaré, piroca, jacundá, aracu pintado, e outros peixes.

O chefe desse povoado faleceu, e quem está na cargo é o filho do falecido que se chama José Antenor. Outros moradores do povoado são deçano e tuiuka que se chegaram por intermédio de parentesco na troca de casamento, e porque também essa região é de grandes lagos e de muito igapó para pesca.

3 -) Japu, ÛMURÃ em tukano. ÛMU é um pássaro amarelo que tem um canto bonito.

O nome desse lugar se refere e é derivado da palavra ÛMU, e RÃ porque existe uma pequena enseada e lago que tem o mesmo nome. É povoado dos Deçano e dos Tukano. Também a chegada dos Deçano foi a procura de peixes, e que finalmente se fixaram devido os parentescos como cunhados. Um dos moradores de Japu é o Deçano que se chama Laurentino Maia.

4 -) Vila Nova, atualmente. Antes foi conhecido como Ponto Veado, mas para os Tukano ainda não mudou; chamamos de NAMA-NOÃ. É povoado dos MIRITI, os donos de grandes lagos. Quando chegaram os primeiros brancos esta nação teve umas sangrentas batalhas, pois saqueados em diversas ocasiões. Participaram e viram a escravidão que o homem levou para diversas nações.

Esse homem que levou a escravidão para o rio Tiquié foi o branco. Contava a minha avó que houve muita morte com os antepassados dela. Os Miriti vieram do Rio Japu que é afluente do rio Uaupés, que desemboca perto dum povoado que se chama Juquirá. Antes da chegada dos brancos eles teriam vindo para o rio Tiquié a procura de caça, porque foi uma nação que sempre viveu coletando os frutos da selva. O mais importante dessa tribo é que foi uma turma numerosa, e que teve as malocas como as demais tribos que nós chamamos BAKSARI-WI, o que quer dizer ca-de dança ou de ensino. Sabe-se também que eles tinham uma língua diferente, mas essa língua foi se acabando depois de brigas com os brancos, e por outro lado sofreram grandes índices ^{de} mortes com uma doença que os velhos chamaram BISIKA, o que era varíola. Essa doença fora desconhecida pelos nossos antepassados, e não houve o remédio para isso, e nem mesmo pajé. Não sei quando aconteceu isso, e foi o que sei através de informação que tenho recebido de minha avó que era desse povo.

Os Miriti eram de estatura bastante grande, de corpo forte, quase brancos, e cujas filhas eram mais ainda. Não sei como dizer muita coisa, pois comecei conhecer as pessoas desse grupo, os mais velhos já haviam falecido. Conheci os descendentes deles como o velho Inocêncio que era bayé, já falecido, o Demétrio Kumū, ainda vivo, Angelo também vivo, o José, filho do velho Inocêncio também, e outros filhos que se encontram nos povoados Iraití e São Tomé, no rio Tiquié. Os que moram na Vila Nova são os parentes destes, o que se pode dizer então que existe a tribo MIRITI. Hoje, eles só falam a língua Tukano. O que posso dizer sobre eles é que os filhos ainda reconhecem das tristes histórias de mortes de seus parentes, e que guardam como lembranças os nomes de lugares por onde ocorreram as mortes de seus parentes. Também são pessoas que têm grandes lugares para pesca, os rios, igapós e lagos, porque foram os primeiros a conquistar o Tiquié e naturalmente os donos de terras tradicionais. Na terra dessa tribo encontram-se também alguns seringais, e tem também muita sorva e cipó que os brancos comerciantes continuam explorando de forma meio absurda, porque quem dá os preços nos produtos são eles.

Sabe-se que os membros dessa tribo foram trabalhar nuns lugares distantes, como por exemplo, no rio Orinoco, Rio Branco, e n'outros lugares nos trechos do rio Negro sempre levados pelos comerciantes. Um deles esteve no Rio com patrão, e que casou-se com uma branca. Este ainda está vivo, e o nome dele é Gentil. Ele voltou depois que a mulher morreu no Rio, isto é, por volta de 1964. Ainda me lembro quando ele voltou com uma criança em Pari Cachoeira, e ~~uma~~ tarde fiquei sabendo o nome da filha dele - a Solange, casada com um nativo de Vila Nova. E outros jovens foram destribalizados pela educação capitalista. Assim uns se encontram em Belém, e outros no Rio ou em São Paulo. Alguns foram para Venezuela, e não se sabe o que fazem ou para onde foram parar. Atualmente vê-se muitos meninos e não sabemos que tipo de futuro lhes espera. Nesse mesmo povoado existem alguns Tukano infiltrados per motivos de parentescos, como cunhados.

6 -) YEXSEÁRA, o que quer dizer Lago Porco. Mas os brancos chamaram-no BERÉ só porque ai mora uma família deçano oriundos de Umari Igarapé. Esta familia vive como vigias de lagos e de pequenos rios dos MIRITI de Iraití, e velho KUNU desse local chama-se BERÉ. Também é a região de grandes lagos e de seringais. O chefe atual dessa aldeia é Mateus, o filho do velho BERÉ. A importância desse lugar é devido os peixes, e é o ponto de atração dos moradores do rio acima para pescarias.

7 -) Serrinha, POARI-NE^o é uma ladeira dos Tukano e dos Deçano; mas quem comanda são os Tukano. Em Tukano POARI é cabelo, e NE^o se refere a uma montanha ou serra. Para nós esse lugar é Serrinha Cabelo. O filho do chefe desse local chama-se Valério, apelidado como BE^oPÓ, o que quer dizer Trovão. Esse jovem esteve escrevendo alguns mitos e traduzindo o evangelho junto com padre Eduardo Lagório. Não sei o aconteceu, porque desde que o padre Eduardo estava com umas índias meia esquistas, porque queriam fazer publicações com fins lucrativos. E não sei se esses trabalhos seriam revendidos para os interesses d'aqueles Tukno de Serrinha. A verdade é que esse padre passou saliva nos inocentes.

Os Tukano e Deçano desse povoado também são^o cunhados entre si e que têm os seus seringais e cipozais para extração de produtos.

7 -) Fátima, o que quer dizer Casa Onça. Esse lugar foi de todo mundo: dos missionários, dos índios e mesmo do Sebastião, atual comerciante que era empregado destes missionários. Foi nesse lugar que vimos muito gado dos padres. Digo gado dos padres, pois é esse o termo que empregamos durante muito tempo. Não sei porque fizeram um centro de catequese se não haviam moradores. Eu me lembro dos trabalhos que eram dirigidos por senhor Sebastião que era empregado dos padres. Esse empregado era meio malandro, porque não fazia quase nada. Quem trabalhava mesmo eram os indígenas jovens e casados. Eu também tive entrar nessa. Foi numa época de grande roça de arroz. Fizemos trabalho de cavalo, e quem ganhou com isso foi o Saba Preto. E mais tarde veio novamente o padre João Marchesi, e ficou um tempo com alguns empregados. Mais tarde este mesmo trouxe uma máquina de descascar arroz. Foi bom porque assim a Fátima exportava arroz para as missões do Alto Rio Negro. Depois de tudo isso o Dom João foi embora para Itália, e assim parou o movimento. Não chegaram mais empregados indígenas, e desse jeito o mato cresceu e foi sufocando os bois. Mas, quem continuou morando foi o senhor Sebastião, e que não estava mais precisando dos missionários; e começou regatear com pequeno barco, acabou mais outro dos irmãos Coimbra de São Gabriel da Cachoeira. E, por volta de 1970 veio o Afonso Casanova e ficou morando em Fátima e que pensou de fazer uma Escola para os Maku dos lugares circunvizinhos. Ora para isso ele chamou os Maku de Cunari, e de outros lugares e começou assim a nova concentração de indígenas. Seria nova missão. Porém aconteceu, que os Maku eram acostumados viver num lugares de muita caça e que tinha suas roças. Essas coisas eles não encontraram no Fátima, e começaram passar fome e fazer queixas entre si. Disseram alguns dos Maku, que o Padre Afonso só dava um caneco de cuia para cada família, e comida na hora certa, mas em pequena quantidade que não dava para encher o estomago. Sofrendo uma coisa desta é que os Maku resolveram voltar para os lugares de origem, e outros tiveram que fugir e chegaram pedindo farinha para os Tukano e Deçano de São Miguel. Foi o fracasso para catequese dos padres, porque todo mundo percebeu e que outros disseram que os Maku não aguentariam para com o sistema de vida de "missão". Foi dito e feito.

Depois da fuga a Fátima ficou triste, e não se ouvia falar mais dos movimentos, mas mesmo assim os missionários não desistiram. Eles queriam catequizar os Maku de qualquer forma, e por isso tiveram que começar visitá-los nas malocas. Esta descrição veremos logo, pois é importante defender ou avaliar a transformação do mundo dos índios através desse processo.

Atualmente é um dos lugares muito conhecido por pessoas que vem pescar nos lagos próximo, e também não existe mais gado. Os padres ficaram com metade do gado, e o resto ficaram com Sebastião que fez outro sítio um pouco acima de Fátima e outro pertinha da cidade São Gabriel da Cachoeira.

8 -) Micura, OA-NE^{IV}, o que quer dizer serra do gambá, um animal que come as galinhas. Pertinho dessa serra encontra-se o novo povoado Micura onde mora o senhor Guilherme Pedrosa que morava em Cunuri. É sítio dos Tukano, e creio que deve ter terra boa para fazer roças. Também é um dos lugares citado dentro de nossas lendas, OA-KIXTI, estória de micura. Existem grandes igapós e lagos, e nas matas estão as sorvas e cipó, e mesmo a caça é mais abundante em comparação com outros povoados

9 -) Maloca do Sebastião, WÁriã-Tuxkürö, o que quer dizer, enseada de Acará, um peixe da minha região. Depois quem não tinha mais trabalhos em Fátima o senhor Sebastião fez outro povoado para botar gado. Depois da derrubada fez grande plantação de banana, isto porque a terra é boa para essa cultura. Ainda se vê muita banana nessa aldeia porque os vigias continuam mantendo o cultivo. Para os índios da região não tem nada de importância porque nunca foi deles.

10 -) Pirara Poço, e nós chamamos MHÄ - WI-TUXKÜRÖ. E tem outro nome de santo que é São Miguel. Esse povoado é dos TUKANO e dos Deçano. É uma região de lagos e igapó. E como foi dito nas primeiras páginas, que os padres dividiram a região por paróquias, então esse povoado faz parte de Pari Cachoeira. E os moradores do povoado quando chega a época de festa uns vão para Taracuá e outros para Pari Cachoeira. É também o centro do rio Tiquié na distância de Pari X Taracuá.

11 -) Maloca Santana. Hoje não existe mais porque todos morreram aqueles que poderiam dirigir os moradores. Os homens que eu conheci todos morreram de doenças que foram difíceis de curar. Sei dizer que esse povoado foi dos Tukano e que mais tarde chegaram também os Deçano. O verdadeiro chefe que era Manuel da Silva morreu no fim da década de 1960. E quem assumiu ou quem restou foram o senhor Matias Caldas que era grande conhecedor de cerimônias e que também falecer em seguida, e outros como senhor Eduardo Dutra e irmão dele, os quais eram Tuika também faleceram. Desse jeito os novos os filhos destes que morreram não tiveram a coragem de continuar morando nesse local, pois lhes faltou a coragem e conhecimentos de cerimônias. E mais tarde outro Deçano que era Graciliano Caldas também morreu, e aí que piorou a situação para os sobreviventes e que também não poderiam continuara no meio tantas tristezas. Posso dizer também, que esse povoado foi dirigido por uma mulher Tukano e que teve certo respaldo na chefia diante de outros visitantes iam comer peixe. Ela era generosa e que também a filha legítima daquele local. Era por essa razão que os outros davam muita fé nela.

Hoje os sobreviventes estão em Cunari, outros em São Miguel e uma família no meu sítio - São Francisco. E quem poderia dirigir melhor de acordo com o tempo dos civilizados, o Benedito Caldas se encontra em Manaus, e outro primo dele está em São Gabriel da Cachoeira trabalhando numa granja de um comerciante que veio do nordeste.

Para os moradores do rio Tiquié é importante recordar ou reconhecer o valor desse local, pois aqui que os moradores de outros povoados vêm pescar. Mas, pode-se dizer também, que no futuro outras famílias que são descendentes irão voltar para o melhor controle de ecologia, porque outros pescadores põem muito timbó nos lagos desse local. É claro que, com tanto timbó os peixes não se reproduzem porque os ovos também morrem. Para o futuro do Rio Tiquié, seria melhor conscientizar o povo para que não plantassem mais timbóm e que não matassem os peixes, desde pequeno até grande.

12 1) Cunuri, Waxpê-Nêxkê, o que quer dizer Mato de Cunuri. Esse povoado é dos Tukano, e devido a vinda de outros cunhados como Deçano e Taiuka ficou sendo um dos maiores povoado do rio Tiquié. Os antepassados desses homens conheceram a missão dos padres capuchinos no Tucano Cachoeira que fica um pouco abaixo do mesmo povoado. Um estirão acima desse povoado encontrasse outra pequena cachoeira que nós chamamos Extã-paitara, o lugar de pedras achatadas. É uma região de grandes igapós e de lagos, e por ser muito povoado não parecer ser tão rico de peixes como n'outros lugares. Parece que pelo menos a terra deve ser fértil, porque os moradores do povoado sempre vendem farinha para os barcos de comerciantes.

Sabe-se também que é um dos centros onde os jovens saíram para lugares distantes. O chefe atual é o Angelo Pedrosa, e outros que lhe assessoram como seus conselheiros. Nesse povoado nota-se o valor de mitos e de cerimônias, porque os filhos destes são mais unidos e conscientes de seus futuros

13 -) Taracuá, está situado num pequeno riacho que tem o mesmo nome. É dos Maku que vieram de lugares circunvizinhos e que foram levados para Fátima por padre Afonso para serem catequizados. São aqueles que fugiram quando começaram passar fome. Ainda continuam recebendo a visita dos missionários itinerantes, e vivem trabalhando cipó e produzem muito artesanato. De vez em quando vendem seus produtos na Missão de Pari Cachoeira, isto é, com uma das freiras que está interessada fazer esse tipo de negócio. Não sei quantos habitantes deve ter, e é muito falado porque os missionários e mesmo os comerciantes sempre mantêm contatos com esse grupo.

Eu creio que, atualmente devem estar bem melhor do que antes, porque eles tem suas roças, e que continuam sendo os coletores de frutos silvestres ou caçando paca, mutum, jacamim, etc.

14-) NĨÑA, igarapé de águas escuras. Pertence a família dos MIRITI de IRAITI. O dono desse sítio é o marido de minha tia Júlia (Tukano).

É uma região de grande lago e de igarapés, e nos lugares distantes, encontram-se terrenos para trabalhos de roça.

Nesse lugar está enorme caranazal que é importante para cobrir as nossas casas.

15-) IRAITI - Chamamos OXPÉ-DURI, o que quer dizer, Monte de Breu. No porto encontram-se muitas pedras de picareta que têm formas de breu; e logicamente o nome sobrevive pela apresentação e semelhança do dito breu.

A minha avó era dessa tribo, e esta me dizia que antigamente tinha mais gente, e que viviam nas malocas e que realizavam as festas tradicionais.

Posteriormente tiveram conflitos com os brancos - como o pessoal do Manduca, que morou em Bela Vista, no rio Vaupés. Também viram mortos de outros indígenas, e testemunharam os estúpeos, o trabalho de escravo que estes prestavam.

Essas recordações continuamos mantendo em nossas mentes. Existem ainda os sobreviventes que conhecem bem a história, e talvez que um dia seja escrito.

No começo da década de 1960 conheci muitos MIRITI. Estes eram muito animados e que sempre tinham boas relações com meu avô João. Mas, quando a minha avó paterina ficou doente todo mundo se preocupou. Do jeito que a doença ficou avançando e como não sabíamos advinhar a doença, logo ela faleceu. Todo mundo chorou. Nessa ocasião nós estávamos em Santana - Peruano, e daí que recebemos essa notícia. O meu chorou muito, mas logo teve coragem.

Depois que os MIRITI de IRAITI foram tingujar o lago que se chama YAKA WĀNATHA (lago de casados, que peixe de minha região) ainda per-

manecemos mais alguns dias, pois outro lado ¹² papai precisava de descanso para se esquecer da solidão por causa da morte de minha vovó.

Segundo aqueles que testemunharam a morte de minha vovó, os que mais choraram foram Ovidio, Livino, Joaquim e Ruanell e todos estes eram sobrinhos por parte de parentesco. Infelizmente todos morreram, e assim os seus filhos ficaram dominados pela tristeza. Houve desequilíbrio da união, e as viúvas ficaram sem saber o que fazer. É mais tarde morreu também outro KUMU, e BAYA, que era o velho Inocência, e irmão de Benedito, também KUMU que era irmão deste. Quando isso aconteceu ficou tudo difícil para gente. Digo para gente, porque somos tribos que confiamos nas atividades e nas relações durante vários anos.

Como aconteceu com outras tribos, hoje vê-se crianças e jovens nesse povoado. Alguns jovens casaram-se recentemente, e com isso espero que não se recuperar a unidade tribal, porém que grande sabedoria original de mitos e cerimônias, creio que dificilmente será registrado para os seus futuros filhos.

46-) PIRAIBA POÇO - MÕITUXKURO. É uma aldeia dos MIRITI. Hoje quem mora nesse povoado são os descendentes do velho Inocência Lóbo. Aí se encontra o José Lóbo, o filho do finado, e cujos netos formam uma pequena sociedade e que cultivam a vida tradicional através de outros velhos.

É uma região de grandes lagoas e de igapós. Portanto, dentro do rio Tiquié ainda encontramos os MIRITI em três povoados - Vila Nova, Traiti e Piraiba Poço, atualmente conhecido como São Tomé.

É não deixa de ficar, que mesmo assim, embora que seja uma pequena tribo, que existem pessoas destribalizadas. Por exemplo, uma jovem que se chama Alexandrina se encontra em Recife, que é a filha do Sr. Demétrio Lóbo, de Traiti.

17) BOCA DA ESTRADA - MÃ-MÃXRÕ, o quer dizer o lugar de desembarque para seguir o caminho. É o sítio do capitão Feliciano Peixoto, e outros Tukano que estão sendo encabeçados por ele.

Antes moravam outros tukano do mesmo grupo e que mais tarde foram morar em Santa Isabel. Não sei porque foram, talvez por motivos de intrigas internas.

A maioria dos TOKANO desse grupo moravam no outro povoado que nós chamávamos DIXTIRO-PA, um pássaro marrom e que atualmente ficou conhecido como pajé, porque pelo canto dele a maioria das pessoas ficaram com feição, isto é, acreditam no bem ou mal que poderá suceder.

Porém, muitos desse povoado morreram por doenças incuráveis. Os velhos disseram que foi por malefício que os deçano de Floresta lhes causaram. Na linguagem do branco que foi porque alguém dos deçano fez praga.

Essas mortes aconteceram depois depois de uma briga que ocorreu em Fôo Lóis, na boca do rio Castanho. O povo desse povoado estavam tomando muito casiri de pupunha enterrada, e que nessa ocasião se encontravam também alguns empregados da missão tirando taboas no rio Castanho, e que por isso puderam testemunhar da briga. Posso dizer que foi uma briga feia por ser de bandos. Eu creio que isso aconteceu por volta do começo de 1960, pois mal me lembro. Nesse dia poderia ser festivo porque a maioria dos povoados tiveram que fazer bebidas para comemorar.

Posso dizer também, que esse grupo de TOKANO sempre teve brigas com os MIRITI porque eram cunhados, e que por bem ou por mal sempre surgiam algumas brigas, e até mesmo mortes.

Hoje praticamente são todos "cristianizados" ou que pode-se dizer também "pacificados".

Após as constantes intrigas e de mortes, os sobreviventes de DIXTIRO-PA foram porque necessitavam de união entre os membros do respectivo grupo TOKANO. Graças ao esforço, hoje eles vivem no BOCA DA ESTRADA, e os que foram órfãos naqueles tempos são pais de família e vê-se o crescimento demográfico. Encontra-se também um catequista elogiado pelos padres daquela paróquia. Este é o Ricardo Peixoto que recebeu a medalha do PAPA PAULO VI, e que foi entregue solenemente por Padre Eduardo Bagnio.

(italiano).

Conforme os ex-alunos dos primeiros tempos da chegada dos salesianos, sabe-se que o BOCA DA ESTRADA era o povoado que tinha uma estrada para chegar numa outra missão que se chama LAURETE, que pode ser mais ou menos uns 70Km.

Em umas das ocasiões de eleições os ex-alunos, eleitores, de Pari Cachosira foram por essa estrada para chegar a Laurete. Foi uma obra que os ^{indios} sustentaram sem saber o futuro, e por isso estrada não existe mais. O mato cresceu tanto que não dá para recordar ou saber se algum existiu na estrada.

Boca da Estrada é um dos povoados onde terminam os grandes igapós e lagos.

Nesse povoado encontramos também os SEÇANO, e alguns MIRITI quais são os casados dos TUKANO, e que ultimamente existe uma família TOYUKA.

Creio que desse jeito vai melhorar as condições para sobrevivência de alguns tribos, pois havendo trocas de mulheres para casamento tudo bem, e logicamente os seus filhos farão o mesmo.

17-) BARREIRA, YU-YUTHA é dos TUKANO do meu grupo. Foi povoado animado e cheio de animações, e que a sociedade constituída como filhos que mereciam educação. Infelizmente, é um dos povoados que tem mais destribalizados dentro do meu grupo TUKANO.

Outros mudaram para outros lugares. Por exemplo, o Batista foi para Cucui, no Rio Negro. A dois anos o irmão dele, o Leivino foi morto, isto é, que foi assassinado quando fazia pescaria.

Não sabemos como encontrar coragem para restituir as estruturas que funcionaram na época de nossos antepassados. Sabemos que as nossas parentes ainda continuam sendo enganadas pelas novidades da civilização ocidental. Outras encontram-se sem ter ou perceber os problemas dentro de nossas famílias.

O último capitão que fora nomeado pelos missionários morreu em São Gabriel da Cachoeira, numa época em a dita cidade conheceu a invasão de costumes diferentes. Por essa razão ele foi dominado pela bebida alcoólica e morreu afogado numa vala onde corriam as águas da

chuva. Foi um fato muito triste para todos TOKANO do meu grupo.

Hoje ainda existe uma forte organização, e por isso o filho do finado está liderando o povoado. O nome desse líder é João Bosco Lustosa, e outros membros são Emanoel e Ovídio, de sobrenome MARINHO.

E como não haviam mais parentes essa comissão de líderes tiveram que se reunir para discutir sobre o fortalecimento da organização do povoado.

Percebendo a necessidade de homens para trabalhos chamaram então os PIAKI que moravam nos lugares não muito distantes. Formou-se assim uma comunidade grande e levou o trabalho sempre com mais produção. Foi também uma forma para acabar com a discriminação que existia durante muito tempo.

O Barreira hoje bem organizada, porém falta a verdadeira união para discutir junto com outros líderes para melhor conscientização.

O Barreira que enfrentamos para isso é porque sentimos o vício de individualismo. Temos medo de ser enganados, mas que muitos não percebem que estamos constante nessa jogada.

Mas não resta dúvida que havendo este apoio externa pode-se fazer uma verdadeira união de todas as tribos através de grandes reuniões. Poderemos dizer também: Onde encontrar o fundo para gastar no transporte?

Outros jovens pertencentes desse povoado encontram-se no rio Castanho, porque fazem o papel de vigia por ser o único rio que tem mais peixe naquela região. Os decanos de FATIMA, e mais dois outros pequenos sítios estão sob o controle político do grupo de Barreira. Não bem dizer, entre nós não há desconfiança para exploração no dito rio porque temos a mesma obrigação pela defesa.

Desde que chegamos dos lugares de nossos antepassados, após o nosso refúgio de uma guerra o rio Castanho sempre nos pertenceu. Portanto, ninguém pode discutir sobre isso para dizer que não nos pertence. Todos os nossos jovens são conscientes de que as terras desse rio serão exploradas por nossos futuros filhos.

É importante recordar a importância desse rio porque é nele que os nossos antepassados extrairam as fontes de sobrevivência, e nas grandes malocas que situavam nas margens de rio educaram conforme a tradição.

Nas cabeceiras desse rio encontram-se os MAKU que quase não falam mais o idioma, a não ser TOKANO. Estes lugares são Penca e Casa de Abelha. Dizem alguns, que mais acima existem outro pequeno povoado de alguns TUYUKA.

Todos os MAKU foram concentrados no Casa de Abelha porque ali criou-se uma pequena escola para educação dos filhos. Não sei quem foi que ministrou o ensino, mas já existem pessoas que concluíram o 1º grau, talvez que foram esses.

Lógicamente não se pode dizer que ainda existem pagãos, porque onde chega o ensino apaga essa imagem, e logo educa-se para ser civilizado. Foi o que aconteceu com esses MAKU.

Nas cabeceiras desse rio existe uma picada que leva a Rio Japurá. Quando não haviam padres fora uma tribo por onde passavam os guerreiros de São José e com alguns TUYUKAS para matar os índios daquela banda. Não posso abordar muito porque tenho de provocar outra pior, porque foram os meus parentes que participaram dessa guerra.

18-) São Louis, BÊXKÊ-YA PITO, boca do rio Castanha. É povoado dos DEÇANO, de família Viana. Houve morte, mas mesmo assim eles continuam unidos mais do que outros daquela região.

O capitão desse povoado é Louis Viana. É povoado organizado, e fora disso houve também destribalização. A prova disso está o despique de jovens que se encontram em São Gabriel da Cachoeira.

19-) Fatima, povoado dos DEÇANO que está no rio Castanha. O capitão é o velho Gabriel, e outro vice-titular todos da mesma tribo que dependem da influência política de Barreira.

20-) SÃ-DEKARIRÁ, o que quer dizer Pedra de peixes elétrico, é pequeno povoado dos TOKANO do nosso grupo. Vivem quatro irmãos jovens, e que fazem a constante vigilância de chegada de pessoas de fora. Essas pessoas de fora são aqueles que não vêm pescar ou mesmo por timbó naquele rio.

21-) DUXTURA, nome de batata, é povoado do rio Castanho que é dos DEÇANO. O chefe é Armando e que está sob o controle político de Barreira.

22-) BÊXPORA, TROVOÃO é dos TOKANO do nosso grupo, também localizaram até nos dias de hoje perto dos túmulos de nossos antepassados. Antigamente esse lugar foi um dos centros para concentração do nosso grupo TOKANO, isto é, onde se fazia grandes ritos tradicionais. Sabe-se que nesse lugar é q/ cresceu demograficamente, e assim nas solenidades as malocas ficavam cheias.

Foi um tempo que nunca mais se repetiu entre os atuais TOKANO de nosso grupo. Mas, é válido lembrar porque foi o lugar de nossos antepassados. Também é o limite de nosso conhecimento dentro dessa região que consideramos nossa.

Como foi dito ^{em lugar} está subordinado à Barreira.

23-) Casa da Abelha, BERANÊ-BU'A' o que quer dizer, ladeira de abelha. É local onde moram os MAKU que vieram de Peçeira, porque os missionários implantaram uma escolinha para catequizar e alfabetizá-los.

24-) Peneira, SÊ'0YA', afluentes do rio Castanho onde moram MAKU, parentes dos moradores de Casa da Abelha. Nas festas tradicionais dos missionários todos costumam se encontrar em Fari Cachoeira, que é o centro de catequese daquela paróquia.

Então, os povoados que numerei, de 19 a 24 todos estão localizados no rio Castanho.

Esse é muito perigoso, porque antigamente morreram muita gente de febre, o que nós chamamos UXHA-KE. Aquelas que bebem águas todos morriam, e que diziam, alguns que nas cabeceiras desse rio havia um pé de timbó de porte grande, e assim quando chovia sempre espalhava veneno nas águas. Esse timbó fora cortado depois, e não aconteceram mais tantas mortes.

Naqueles tempos esse rio era farto de peixe por ser inabitado, e que haviam grandes poços dentro de seu percurso por onde juntavam os peixes nas épocas de verão.

Todos esses lugares conhecidos foram sendo aterrados pelo próprio tempo, e hoje nós verificamos de que realmente mudou muita coisa, isto é, que antigos lugares de muito peixe foram sendo invadidos pela mata.

Agora vou continuar com os povoados do rio Tigri e de alguns seus afluentes por onde moram as tribos que darli depoimentos.

25-) Floresta, TO'A-BUA é povoado dos DEÇANO. Antigamente fora animado por ser habitado, e por ser atraente nas grandes festas. Após de partidas de certas famílias para outros lugares ficou apenas uma. É a família AGUIAR, sendo atualmente encabeçada por Manuel na chefia do povoado.

27-) São José, fora um dos primeiros lugares de concentração dos missionários Carmelitas, e naturalmente fora uma missão muito povoada.

Foi também que nesse lugar chegaram os primeiros TOKANO, encabeçados por MAXIMIANO. Hoje esta família é AZEVEDO, e sente-se orgulhosa por descer da família que veio por primeiro ao Tiquié.

São nossos parentes, e que com eles estão algumas famílias DEÇANO por serem unidos. É de vez em quando eles costumam realizar festas de dabucuri, e com isso vivem unidos nas suas aspirações. A estátua de São José já lhes faz unir os esforços de suas crencas, porque ela me parece que é dos velhos tempos.

28-) Santa Luzia - BÈXKÈ-RA - BA'THA, o que quer dizer o lugar por onde nadaram os velhos, isto é, que atravessaram o rio a nado. Dizem os velhos, que essas pessoas que nadaram nesse lugar foi numa ocasião de guerra com destino Rio Japurá.

No começo de 1960 esse povoado tinha jovens para animar festas. Quase todos tiveram que deixar para esse lugar, e foram para lugares distantes. Nós não sabemos para onde foram, se não vivem mais ou não tudo desconhecemos.

Antes da vinda dos padres que nossos antepassados viviam num só povoado, na boca do estero Izarepe. Por motivos de desentendimentos houve a separação, mas que ainda ficamos com sobrenome de SAMPAIO.

Aos poucos ainda eliminaram mortes entre as nossas lideranças, e por essa razão nos sentimos fracos quando vemos a organização de outros povoados. Mas, mesmo continuamos formando uma comunidade que é o conjunto de aldeias de: São Francisco, Santa Luzia, Maracajá, Cuaura e Nova Fundação, e uma vez por outra mantemos essa tradição com os DEÇANO de São Antônio.

Espera-se recuperar a união de nossos líderes, e para acho que temos a consciência disso.

29 -) Cucura, é povoado dos Deça do grupo de minha mãe. Antigamente eram mais nú-
 merosos e hoje isso não acontece mais porque morreram e outros tiveram que vir
 para Santa Isabel, no rio Negro. Já nos primeiros tempos esse igarapé lhes per-
 tenceu. Segundo o meu avô eles vieram dos lugares perto do rio Papuri e que sou-
 beram fazer grandes acúdes para atrair garças para tirar enfeites. Um desses lu-
 gares ficou conhecido como DIA-AAKTA-PA'SATHA, o que quer dizer lagoa por onde
 pousam os patos da selva. Sabe-se que essa capoeira fica mais pelas bandas do rio
 Papuri.

Quando conheceram outros lugares de caça é que esse grupo teve que transferir
 para cabeceiras do Cucura Igarapé. Foi nesses lugares que eles viveram como tan-
 tos outros, e nas malocas realizaram as cerimônias para educação de seus filhos.
 O que posso dizer é que esse grupo de Deçano eram conhecedores de ritos para cu-
 rar as doenças. Os curandeiros que nós chamamos YAI é uma pessoa que tem dotes de
 clarividência. Um desses homens também o meu avô o foi, porém tive que deixar es-
 sa função devido as exigências da religião cristã. Tudo isso aconteceu porque os
 evangelizadores que chegaram em áreas indígenas sempre forçaram-nos para seguir
 a religião ao Deus que nossos antepassados já tinham conhecido dentro de nossa fi-
 losofia, talvez muito melhor do que os próprios brancos.

Com passar do tempo os nossos antepassados tiveram que trocar as moças para casmen-
 tos, e hoje nós continuamos mantendo essa tradição porque só assim é que sentimos
 de que somos membros de uma família ou melhor que somos cunhados.

É como estava dizendo antes, depois que os missionários chegaram nessa região os
 parentes do meu avô tiveram que transferir para Rio Negro, pois eles diziam que
 nesse lugar não dava para passar fome e que tinha muito peixe. Creio que também
 foi no começo da fundação de Santa Isabel, uma missão dos padres e freiras sale-
 sianas. E como já passaram anos, os descendentes atuais vivem nessa missão e ou-
 tros em Mandus. O que tenho percebido é que estes não têm mais os sentimentos de
 amor à origem, dizem que são caboclos. Essa expressão de caboclo é muito usado

nessa região para que alguns brancos ou mesmo os caboclos não lhes respeitariam se fossem dizer que são os legítimos indígenas. Portanto, os meus parentes que se encontram nessa região vivem meio camuflados, e quando percebem alguém chamar de índios a alguém que está perto o que eles fazem é deslocar por mais ligeiro possível. Isso não acontece só com eles e sim com demais outros que estão naquela situação, os indígenas que não tiveram mais aquela educação merecida pelos próprios pais.

Após a morte de meu avô ficou um pouco desequilibrado, como já eram poucos houve certa falta ou adaptação nos conhecimentos de cerimônias. A grande causa de desequilíbrio com a tribo foi também por causa de falta de homens para casar com as mulheres de outras tribos, e enfim porque o meu avô só teve filhas mulheres.

Os atuais deçano que moram nesse igarapé Cucura são poucos em comparação com outros povoados que são mais numerosos, e quem lidera é Durvalino Fernandes com outros colegas do mesmo povoado.

30 -) Nova Fundação, antes foi lugar onde moraram os Deçano, E quando foi se percebendo a falta de entrosamento com os Maku que moravam por ali perto, então o padre Afonso Casanova, espanhol, depois que desistiu o trabalho de catequese em Fátima com outros Maku, começou visitar várias aldeias desses que se encontravam no meio da selva. Depois de pouco tempo começaram os Maku chegar de lugares distantes, mas perceberam a falta de comida porque não tinham roças. Com incentivo constante do padre começaram fazer roças e hoje estão equilibrados e vivem como tantos outros que estão às margens do rio Tiquié. Porém, antes que eles ficassem bem equilibrados foi o meu pai que lhes deu maniva, e eu me lembro muito bem que nós fizemos dacuri de mandioca e de maniva. Foi uma festa muito boa e que ainda lembramos por termos feito com todos parentes de nossa comunidade.

Antes que ocorresse essa modificação ou catequese nesse grupo indígena que sempre viveu no mato, os moradores vizinhos dos Deçano sempre trabalharam para os indígenas catequizados. E antes da vinda dos mesmos missionários isso já acontecia, pois o costume tradicional de nosso povo. Os Maku sempre empregados, e eram os caçadores e nas ocasiões de fazer roças e de plantio também.

Um dos Deçano que sempre empregou Maku fora o meu avô materno. Veja como era o comportamento. Primeiro ele era bem querido porque sempre conseguia ajudar um pouco n'aquilo que eles queriam. Chegavam os Maku com pequena caça, com cestas e com algumas formigas que se come, e era com essas coisinhas que eles também agradavam o meu avô. Bem, o que o meu avô lhes trocava era com pouco de sal, an zóis, linhas de pesca, mächado e terçados, e às vêzes com algumas faquinhas. As melheres não sabiam fazer panelas de barro e nem cuias; e quem fazia negôcio com elas era a minha vovó Joaquina. E o que eles sabiam fazer eram atura, pequena balaios e grandes para carregar mandioca. Desse jeito todo dependia um pouco de outro, e era um cambio de amizade.

Os Maku roçavam e faziam derrubada, e plantio cabia as mulheres. Durante o período de trabalho eles vivam num pequeno lugar onde haviam tapiris feitos pôr eles e lá era como se fosse pequena aldeia, bem entre as árvores. Assim eles viviam com calma, pois não encontravam diferença para viver como nós. A relação entre os indígenas que tiveram contatos com outros que não eram Maku dava uma dieferença porque se sentiam mais importantes. Por essa razão é que nós éramos conhecidos como MAXSÃ, o que quer dizer GENTE, pessoa que não vive como MAKU ou que são con siderados superiores do que MAKU. E estes MAKU eram considerado POKSÃ, o que quer dizer pessoas que moram no meio do mato e que vivem de caça, ou pessoas que servem nos trabalhos para outros indios.

Esse costume nosso, a relação entre os moradores do rio e do mato deu uma impres são feia para os brancos, pois eles disseram de que nós estávamos escravizando os MAKU. Mas não é isso não, é costume de nossos antepassados, é o desejo de vivermos como grupos que tem a necessidade de ajuda desses ou vice-versa. E quando os padres perceberam isso, então eles chamaram outros entendidós no assunto e co meçaram catequizar.

Eu me lembro bem que certa vez chegaram dois brancos da Espanha, os convidados do padre Afonso, e foram esses que construíram as casas de ZINCO para todos os MAKU que se concentraram na Nova Fundação. Foi muito bom diante da vista dos edu

Depois, por motivos da ditadura da FUNAI, o casal de espanhol teve que ir embora pois receberam certas informações de alguns brancos que chegaram para espiar o trabalho dos voluntários.

O que aconteceu com outros índios que sempre recebiam uma certa assistência de saúde desse casal estrangeiro, quase em todos os momentos que surgiam umas epidemias muita gente ficavam doente e sentiam a falta desse médico. E aqueles que visseram que iam cuidar melhor do que eles, até hoje jamais apareceram.

E mesmo assim os Maku e outros pessoas continuamos resistindo nos nossos anseios e vemos que melhorou ou que mudou nosso modo de viver. Como dizem os missionários, hoje somos civilizados, e somos gente.

Mais tarde chegaram novas visitas na Nova Fundação. Eram o prelado Dom Miguel Alagna, o Brigadeiro Protásio que foram de helicóptero. Também não vi, mas quem me contou foi o meu pai que assistiu a celebração de missa, e que nesse dia houve vários casamentos religiosos de MAKU, e que os TUKANO E DEÇANO foram os padrinhos. E como sempre houve muita rádio cipó entre os índios d'aquela região, nesse dia foi mais ainda, porque os Maku cantaram Hino Nacional e que demonstraram o objetivo alcançado pelos missionários.

Hoje esses MAKU têm a vida diferente do passado, porque a maioria de seus filhos estão sendo alfabetizados e que alguns concluíram o seu primeiro grau. O que se pode dizer é que muitos indígenas que sempre dependiam mais do trabalho deles, hoje estão padecendo pouco e por outro lado conheceram mais a dureza para sustentar seus filhos. Assim, cada um trabalha para si, e no caso de trabalho de comunidade ainda permanecemos unidos, e creio que vamos continuar desse jeito.

No tempo em que passei no meu sítio (1980), os Maku que moravam na Nova Fundação pareciam que estavam divididos. Uns que trabalhavam de acordo com os interesses dos missionários e outros que vendiam diretamente os seus produtos aos comerciantes e que faziam umas roças de arroz para vender aos indígenas não Maku. Parece engraçado, mas aconteceu e foi uma lição para muita gente porque eles demonstraram a capacidade de persistir nas iniciativas até alcançarem os seus objetivos.

31 -) São Francisco, ^REXTA-TI-THA é povoado dos Tukano onde a chefia está em mãos do meu pai Casimiro Lobo Sampaio. Esse povoado desde que foi fundado pelo meu avô João, e devido a necessidade de união com outros, de vez em quando sempre fazíamos pequenas festas. E com passar do tempo começamos também comemorar o dia do nosso padroeiro - São Francisco, e outros povoados assim fazem também.

Nesse dia os nossos vizinhos costumam trazer bebidas e pouca comida para todos participantes, enfim terminamos realizando uma festa dançante para animar os nossos jovens. Já virou costume de nossa comunidade, e todos anos do dia do padroeiro - 24 de janeiro sempre há festa.

Devido certa falta de apoio de meus parentes não foi possível fazer uma organização que pudesse levar o povo mais unido, e por outro lado temos sentido grande poder colonialista por sistema religiosa através de certos missionários daquela área. Por isso, percendo essa barreira em torno de nossa comunidade temos realizado algumas reuniões para discutir sobre os problemas de nossos filhos.

Um dos organizadores era eu mesmo, mas por outro lado parece que eu era contra a opinião de certas pessoas aconselhadas pelo padre itinerante de 1980. Enfim, terminei participando do IV Tribunal Bertrand Russell, em Roterdã - Holanda.

Essas coisas não posso contar com detalhes para não provocar intrigas, porque o que aconteceu depois disso me deixa xocado, e por outro lado sinto que alguns se promoveram com isso.

Os nossos parentes que ainda se encontram nesses dias estão conscientes de seus problemas, e através de uma pequena escolinha que funciona desde 1974 esperamos que os jovens de hoje sejam firmes para prosseguir a luta que nós empreendamos.

Nesse povoado morreram pouca gente, mas mesmo assim deu para sentirmos desfalecidos na organização junto com outros líderes. Assim, as três famílias que perderam pai não puderam continuar vivendo naquele lugar e se mudaram para outros lugares.

O que acontece de triste numa aldeia indígena dessa área é quando morre alguém chefe de família, porque depois fica muito difícil sustentar os órfãos, e estes terminam partindo embora que a gente lhes insista a ficarem. Foi isso que aconteceu com os membros de minha família.

O que nos faz desorganizar são doenças que aparecem durante as festas, como por exemplo, no dia 19 de abril de 1980 deu surto de sarampo que matou gente de minha comunidade, e no pior de tudo as pessoas continuam sempre tapeando os indígenas dessa região. E quando trazem remédios, é só depois que alguns morreram e desse jeito não para acreditar nessas pessoas.

O que nós sentimos nessas ocasiões é o desagrado, e os dirigentes de festas sempre sentimos responsáveis por essas doenças. Não sei quando teremos uma assistência suficiente ou pelo menos os munitores indígenas para cuidar de nosso povo.

Nesse povoado existe uma família Deqano, cunhado de nossa gente. A outra família veio para Santa Isabel do Rio Negro, e segundo outros passaram as necessidades alimentícios, pois não encontraram roças e farinha. Não deu para duvidar, porque nesse lugar corre a moeda, e é muito diferente de nossos povoados.

Veremos o será mais tarde com essa comunidade, pois os túmulos de nossos antepassados encontram-se nesse local; por isso sempre iremos morar nele.

32 -) Maracajá - YAI-HIRO-IÁ é um pequeno igarapé, o que quer dizer Gato Maracajá. Mas, outro nome é TE'CO-NARÍ-NOÃ, ponto de reflexão. Esse povoado é dos Tukano da família Moura, e são os membros de nossa comunidade. Sempre temos e fazemos o trabalho comunitário. Foram os moradores desse povoado que compraram um pequeno barco do Sebastião de GHP, e me disseram que estão parados devido o problema do motor. Eles sempre uma família unida e que sempre souberam respeitar os vizinhos. Também nesse povoado costumam realizar festa de Nossa Senhora de Nazaré, e o procedimento é o mesmo do nosso povoado.

Também existem jovens fora dessa aldeia. Não sei o será que sentem os pais ou irmãos destes destribalizados.

33 -) Santo Antônio , BAIÁ-PÊ, poço de melodia ou de canção, é povoado dos Deqano e que também fazem parte de nossa comunidade. Nesse povoado estão as Família Dos Santos, antes tinham muitos jovens e que horam para outros lugares, a maioria para Colômbia e que nunca deram mais notícia de seus paradeiros.

A posição de nossa amizade é porque somos cunhados durante muito tempo. Porém, antes também foi povoado dos Tukano que mais tarde se mudaram para Santa Isabel do Rio Negro, e ficou só uma família Tukano SARMENTO. No ano de 1976 faleceu um jovem que dirigia a comunidade, Odilon Sarmiento, qisto é, em São Gabriel da Cachoeira. Essa morte foi de repente, pois foi de malária. Atualmente o chefe dessa aldeia é Luis Sarmiento, o irmão do finado Odilon. E por outra parte dos Deqano, também há um capitão que é JORGE DOS SANTOS. Portanto, os capitães dos respectivos povoados sempre estão de acôrdo uns com outros, e assim temos a felicidade de sermos irmãos na alegria e também na solidariedade no caso de doenças.

34 -) São João - MARU-SERARUKO, é povoado dos Degano que são parentes do pessoal de Santo Antônio. Os padres planejaram fizeram uma escolinha nesse povoado, e por essa razão esses povoados formam uma comunidade dentro do sistema educativo. Também Degano sempre moraram nos lugares circunvizinhos, e por serem pessoas de outra tribo são considerados cunhados. Eu sei um jovem, o filho do finado Iivino se mandou para Colômbia e a jovem Teresa Lama se encontra no Rio. Os jovens atuais foram educados com mesmo sistema, portanto não se sabe o que farão d'aqui para frente.

35 -) Bela Vista - NUXKÛ-PORI-TI-THA, poço que tem areia no rio, é povoado dos Tukano. É povoado bem grande e organizado. Foi uma ideia que teve o último pajé que aguentou e que teve a dedicação de exercer a função de curandeiro. Graças a Deus os líderes atuais se encontram unidos.

Antigamente, quando vigorava SPI é nesse aqui que ficava o delegado, mas logo teve que vir para São Gabriel da Cachoeira, o motivo que não sei confirmar e nem ouvi dizer o POR QUÊ.

Nós temos consideração por serem irmãos maiores dentro de nosso entendimento, e porque também sempre foram aqueles que mais produziram farinha dentro do rio Tiquié. Os comerciantes que chegam nesse porto sempre encontram alguma coisa, e por isso gostam desse povoado.

Esse povoado tem uma influência muito grande com Pari Cachoeira, pois politicamente compete nos interesses de povo desse rio, e quando chegam alguma comitivas para inspecionar os trabalhos missionários é o povoado que é elegido.

Quando o baixo Tiquié tinha uma cooperativa fora o centro desse trabalho, e aqui que se reuniam os dirigentes. Infelizmente, essa cooperativa entrou em falha por não teve muito apoio moral do sistema dominador, e também não tínhamos competência para administrar na finança.

O dirigente da cooperativa foi Pedro Vaz, um degano do Umari Igarapé. A coragem era muito grande no povo, porque eles obtiveram o barco sem ajuda externa, e por essa razão sentiam independentes. Todos os produtos dos povoados do baixo Tiquié eram recolhidos por esse barquinho que vinha com a São Gabriel. Nessa cidade eram vendidos os produtos e as mercadorias eram devolvidos aqueles que produziram os produtos. A grande desgraça foi quando perdemos o produto quando o barco se alagou no Iraití, pois mais da metade do produto foi perdido, e as galinhas morreram afogadas e se serviram de alimentação para os MIRITI do respectivo povoado.

As pessoas de UFAC, outra cooperativa ^{estava} que sob a direção dos próprios indígenas de Pari Cachoeira e que eram orientados pelos missionários, nos ironizavam chamando de pessoas de INCRA porque nós nunca queríamos ser subordinados pela FUNAI.

para retrocar os moradores do baixo Tiquié apelidaram o pessoal da cooperativa de Pari Cachoeira como pessoas da FUNAI, porque uma vez que estes chegaram em Manaus trouxeram um representante dessa entidade, o Mário Craveiro, o irmão ex-coadjutor que trabalhou em Pari Cachoeira. E por outro lado, foi nesse período que chegou a turma da FUNAI, quando então as pessoas de Pari Cachoeira denunciaram sobre os erros dos missionários para o Peter, porque este lhes disse que a FUNAI é que teria mais condições para melhorar as condições de vida d'aquêlê povo. No momento de trabalho animado tudo deu certo, porém o povo ficou sabendo mais tarde que o Peter e Hower foram proibidos de voltarem pelos amigos dos padres por os terem criticado. O povo ficou com medo dos padres e houve muito comentário e os indígenas perceberam que os padres eram poderosos. O que posso dizer, é que esses missionários nunca foram criticados, e por isso, sempre se julgaram ser os mais corretos nos seus trabalhos junto às comunidades indígenas do Rio Negro. Bem, que a cooperativa formada pelos povoados de nossas bandas não foi tão mal, porque deu para fazer alguma coisa; sempre sentíamos independentes em relação às pessoas de outras paróquias que continuavam sob a tutela da missão.

36 -) Pari Cachoeira - SIRIPA é uma vila onde moram os Tukano. Também é o centro de catequese e lá se pode encontrar tudo pelo menos o que fazem os brancos. Esses centros são importantes porque tem colégios para ambos os sexos, uma grande igreja, etc. E quando chegam as comitivas da FAB, do EXÉRCITO e mesmo de civis é nessas casas dos padres que se faz as recepções. Desfila-se como se fosse nos quartéis, canta-se Hino Nacional, ginástica ritmica que as meninas apresentam e mais outros cantos para alegrar os brancos que vem curiósar os índios.

A missão de padre sempre é de evangelizar os aborígenas, mas não para analisar e elevá-los para uma harmonia condizente com outros líderes de outras paróquias. Assim, o povo de Pari Cachoeira não tem uma unidade nos seus anseios, porque o sistema que fora induzido entre nós nos faz ser individualistas ou competidores no comércio. Para demonstrar aos outros líderes de outras paróquias é que os nossos parentes fizeram uma cooperativa - União Familiar Animadora Cristã - UFAC, e que mais tarde ficou conhecida por todos povoados do Rio Tiquié. Essa cooperativa fora por uma ação missionária; numa época em muitos comerciantes chegaram só para explorar os indígenas. Vendo isso o Padre Antônio Scolaro (italiano) e a irmã Dixce planejaram um estatuto, e esse foi aprovado pelos índios, e em seguida ficou reconhecido por todos através do Diário Oficial.

Embora precária, essa cooperativa vem funcionando até hoje. O barco que se chama Aperecida recolhe os produtos de todo rio Tiquié e vem com destino a São Gabriel vender os produtos. Ainda, mesmo assim, continuamos sendo explorados porque quem dá os preços são os brancos. É muito difícil compreender ou buscar outras soluções para fazer melhorar as condições dessa cooperativa.

0 que mesmo dentro de pessoas dessa cooperativa é que a maioria continuam mantendo as tradições de festas como os dabucaris ou mesmo as grandes reuniões com muito caxiri. Muito embora vistos com certa tendência de catequese por parte de alguns missionários, essas festas são bem vistas pelos outros, pois com essas atividades eles demonstram uma resistência ou que valorizam os seus costumes. Porém os moradores de Taracuá e de Iauareté, embora que conheçam esses costumes não têm muita liberdade por serem sempre subordinados ou porque os ex-alunos dessas paróquias sempre são estimulados para as coisas do mundo do branco.

Eu creio que desse jeito para muitos somos considerados "atrasados" por sermos mais Tukano e mesmo outras tribos desse rio continuam convites em manter esses costumes que nos restaram.

37 - São Domingos - ⁿBrê-nĩrĩ-pa, pedra onde pousa passarinho que se chama rouxinol, é povoado dos Tukano, da família Barreto. No tempo de forte civilização é aqui que morava o presidente dos ex-alunos de Dom Bosco de Pari Cachoeira, o filho de Antonio Barreto. Foi e é um dos lugares importantes dentro do contexto político, porque os tukano desse povoado dominam o pedaço do rio Tiquié e seus afluentes com os Tuyka que são os cunhados. É um povoado organizado, a base de política para os moradores da região por onde não passa mais o regatão de comerciantes por ser encachoeirado. Também são aqueles que mantêm os seus costumes fortes em relação aos demais povoados por onde circulam os ~~comerciantes~~.

38 -) São Paulo, é povoado dos Tukano e onde moram também os Tuyka que são os cunhados. É um povoado que tem apoio, os melhores que os povoados São Domingos e São Paulo são irmãos e por isso se ajudam mutuamente nos trabalhos.

39 -) Jabuti - Uá, é povoado dos Tukano.

40 -) Caruru - M'Ũ, também onde moram os Tukano e é o último dentro do rio Tiquié. Os demais povoados como Traiara, São Pedro, Pedra Curta, Santos Anjos, Puniá e Fronteira são os lugares onde moram uma grande família - os TUYUKA. Também perto de São Domingos existem dois igarapés: Cabari, MIŨNA que tem três aldeias, Coração de Maria, Mercês e Raias que são habitados por TUYUKA, e outro igarapé que ONÇA onde está uma aldeia que tem o mesmo nome, também dos TUYUKA.

E pouco abaixo de Pari Cachoeira, pertinho de Bela Vista, existe um igarapé importante que é Umari, bastante povoado, como Jandú Cachoeira, que é dos TUKANO, de família Sampaio. Esse lugar é muito bonito, porque a cachoeira dá uma impressão linda porque os peixes que passam nessa correnteza geralmente são pegos pelos homens. É mais acima vem São Sebastião, onde moram deçano de Família PAZ, e mais quatro povoados todos de Deçano. Então, dentro do rio Tiquié e seus afluentes estão 54 povoados habitados exclusivamente por indígenas.

Dentro do Rio Uaupés, na paróquia de Taracá fiquei trabalhando como professor primário durante os anos de 1974 a 1976. Então conheci pouco sobre o pessoal dessa região porque todos que chegavam para festas religiosas sempre vinham conversar comigo, e juntos temos feitos festas e promovimos jogos de futebol, etc.

1- Ipanuré, é povoado dos Tariano. É muito bonito porque dá muito peixe por ser um lugar onde existe maior cachoeira que se chama Ipanuré.

2 - Tuiuca, moram os Tukano que vieram do Tiquié, os parentes do pessoal de Bela Vista.

3 -) Ponta Fria, moram os Tukano.

4 -) Pira Mirim, mora os Piratapuias

5 -) TARACUÁ, moram os Tukano, alguns deçano e também MAKU.

6 -) São Paulo, moram os Tukano que vieram de Santa Luzia, do rio Papari. Não é propriamente uma aldeia, mas sítio que lhes serve para passar o tempo durante o trabalho, pois onde eles moram mais é na missão Taracá.

7 -) Tatapanha, é também dos Deçano.

8 -) Ananás, povoado onde moram os Tukano. Nesses lugares existe uma escolinha onde os pequenos estudam antes de passar para o colégio (Taracá). Esse povoado é antigo, pois é conhecido por muitos de minha região. Também os ex-alunos são mais organizados e conhecem bem a estrutura para viver como povos. Os jovens desse povoado vivem mais com seus pais e outros sempre estão trabalhando em São Gabriel da Cachoeira. No povoado sempre nota-se eles vender mais peixes porque é uma região de grandes igapós, e devem existir grandes lagos.

9 -) Matapi, moram os deçano e Tukano.

10 -) Macuca, moram os Piratapuias.

11 -) Açai, moram os Tukano.

12 -) Bela Vista,

13 -) São Tomé e

14 -) Uriri são os povoados dos Piratapuias. Antigamente foi nesse lugar que o Manduca residu e que cometeu vários crimes contra os indígenas daquela área.

15 -) São Pedro, moram os Tukano e alguns Piratapuias.

16 -) Cunari, moram os Tukano e Deçano.

17 -) Trovão, moram os Deçano.

Todos esses povoados vivem mais de pesca, porque eles não vendem muita farinha como os de Rio Tiquié. A razão é porque é uma região de grandes igapós e os terrenos sempre ficam longe de casas, e é difícil obter uma agricultura pertinho de casa como no rio Tiquié. Para ir trabalhar nas roças sempre exige que saiam dos povoados com destino à roça, e lá eles ficam durante alguns dias e trazem o seus mantimentos para casas. Nesse jeito quando passa o barco de Cooperativa de Fari Cachoeira, nós temos o costume de trocar o peixe com a farinha. Esse tipo de troca de comida é muito mais agradável do que quando temos que falar com brancos.

Mas, muitas vezes tenho visto que também as pessoas que pertencem a paróquia de IAUARETÊ têm vindo participar de solenidades para bandas de Taracuaá. Geralmente essa gente eram os de Urubupera, os Tarianos, os de Ciagarro (Tariano), os de São Francisco, e até mesmo de São José.

É dentro da paróquia de Iauaretê, que é uma das mais populosas do Alto Rio Negro não dizer muita coisa, pois percebo que é muito dominada pelos missionários e pela Punai. E no pior de tudo é um lugar onde tem o POSTO da PAB, e serve de ponto de estratégia para segurança nacional.

Mas mesmo assim, sei dizer que dentro do rio Pappari encontram-se outros Tukanos, e que mantêm os costumes como fós. Por exemplo, nós conhecemos os Tukano que moram em Santa Luzia, Patos, Piracuara, Monfort, Uinapixuna. Todos esses e mais outros que não mencionados são os nossos membros de tribo Tukano. Também existem os Degano, Tariano, e Piratapuia, etc.

Os Karapaná - ^{MEXTÊA} também foram uma nação, e que moravam nas cabeceiras de Uma mari Igarapé. Hoje não existem mais, pois todos foram embora para Colombia e outros para Santa Isabel do Rio Negro. Os outros morreram, e foi fim da tribo. Para concluir, os Tukano, os Deganos, os MIRETI, os MAKU, alguns do Karapaná que foram para bandas de Colômbia conhecem suas raízes. Hoje, quase todos estão aculturados pelos missionários salesianos, e que dificilmente podemos encontrar um seja analfabeto dentro do Alto Rio Negro.

O maior problema que temo é somente a falta de aproveitamento sobre os ensinamentos recebidos nos missionários, pois quando os nossos filhos concluem os primeiro e segundo grau ficam apenas com certificado nas mãos, e não encontram mais outros meios para continuar seus estudos em outros lugares. Ai quem vai continuar os estudos são aqueles têm o conceito diante dos pais, os mais obedientes ou pessoas casadas de acordo com sistema de cristão romano. E quando essas ficam numa certa oposição os próprios missionários boicotam os estudos. Dese jeito muitos jovens estudam calados, porque eles querem aproveitar para terem títulos. Alguns desses jovens reconhecem a necessidade de modificar o sistema, mas que sempre saem perdendo devido a grande influência rígida da religião.

Eu acho que muitos missionários que chegam na minha região, ainda conservam as mentalidades do século XVI - salvar somente as almas de índios. Será que isso está certo?

Eu sei que isso vai mudar, porque iremos sobreviver como indígenas para buscar os nossos direitos e sermos respeitados como os demais estrangeiros que se encontram nesse país. O que ainda vivermos como estrangeiros dentro de nossas próprias terras? Creio que o governo não é tão burro, pois trata bem aos estrangeiros, e nós vamos exigir que ele seja honesto com as nossas tribos do Alto Rio Negro.

JOÉTHIRO
JOÉTHIRO